

100000

PMS	FMLF	GRIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
A Tarde		
Data	06/05/01	
Classificação	Local	14
Assunto		
Baixo		
Tororó		

Revelados os mistérios do Dique do Tororó

RESGATE

Pesquisa desvenda passado, presente e intervenções no Dique do Tororó

CLEIDIANA RAMOS

Pelourinho, Abaeté, Itapuã, Mercado Modelo e as igrejas são locais que, geralmente, vêm à tona quando se fala na imagem de Salvador. Mas é exatamente a descrição que talvez demonstre o quanto de integração existe entre o Dique do Tororó e a cidade. Indispensável nos mais variados trajetos dentro de Salvador, o Dique parece ter ficado mais visível somente com a recuperação inaugurada em 1998, que foi apenas mais um capítulo da história que o local traz consigo. A oportunidade de conhecer muito mais desse patrimônio que o Dique detém foi trazida pela arquiteta Rita de Cássia Cordeiro Nogueira, por meio da pesquisa intitulada "Dique do Tororó-Propostas e Intervenções em um Espaço Público".

No trabalho apresentado como tese de mestrado em arquitetura e urbanismo, na linha de desenho urbano da Faculdade de Arquitetura da Ufba, Rita de Cássia trouxe à tona propostas e intervenções que aconteceram no Dique, além de uma simulação inédita de como ele era no século XVIII. Num base aerofotogramétrica de 1992, a arquiteta, tomando como ponto de partida a planta do engenheiro João Massé, do século XVIII, foi lançando dados, fazendo comparação de pontos que existem ainda hoje, conseguindo um resultado surpreendente.

"Além disso estudei mapas de várias épocas que tem o Dique como referência", explicou Rita de Cássia, que agora espera ver publicado em livro seu trabalho, aprovado com distinção por uma banca formada pelo historiador Cid Teixeira e pelos professores, da Faculdade de Arquitetura da Ufba, Antônio Heliódoro Sampaio, que foi também o orientador, e Esterzilda de Azevedo.

Natural

A partir do trabalho da arquiteta é possível saber, por exemplo, que o Dique estendia-se em várias direções, como a Sete Portas, e era navegável até onde atualmente se encontra a Barroquinha. Apesar do nome, que significa uma construção destinada a reprimir águas correntes, as referências utilizadas por Rita de Cássia indicam bem mais na direção do Dique como um lago natural.

"Esta é a minha conclusão, inclusive levando em consideração historiadores como Cid Teixeira, Waldir Freitas de Oliveira, Afrânio Peixoto e Accioly, que defen-



Com o aterramento, iniciado na fundação de Salvador, o Dique do Tororó perdeu cinco sextos da extensão original em relação ao começo do século XVIII

dem a origem natural do Dique", salientou a arquiteta. Segundo ela, o que pode ter acontecido é um represamento de um dos braços do Dique, à altura de seu escoamento para a atual Avenida Vasco da Gama, talvez até mesmo anterior à Invasão Holandesa. O objetivo de um processo deste tipo seria a elevação da cota de seu espelho d'água.

A referência escrita mais antiga ao Dique do Tororó, de acordo com a pesquisadora, consta num relatório datado de 1671, elaborado pelo engenheiro João Coutinho, em que ele descreve a cidade e aponta a existência do "Dique Grande e do Dique Pequeno". Mas, na sua avaliação, só mesmo estudos arqueológicos puderam definir seguramente se houve ou não represamento antes da Invasão Holandesa.

Integração

O Dique perdeu, aproximadamente, cinco sextos da sua extensão original em relação ao começo do século XVIII. Nesta época, o Dique começava na Fonte de São Pedro, nas proximidades do forte de mesmo nome, e passava pela rótula dos Barris, onde fica a Estação da Lapa, entre outros locais. Com a implantação do sistema de esgotamento sanitário a configuração do Dique foi mudando aos poucos.

"Existia também o Dique Pequeno, onde hoje tem parte da Garibaldi. Ele foi totalmente aterrado na década de 60", relatou Rita



Rita de Cássia Nogueira estudou mapas de várias épocas

de Cássia. Em 1937, o Dique foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, uma conquista para o local que nas primeiras décadas do século XX chegou a ser utilizado como o depósito de lixo da cidade. Além disso, o aterramento do Dique parece ter começado, praticamente, com a fundação de Salvador.

Um documento de 1798, por exemplo, o Plano Topográfico da Cidade de São Salvador, classifi-

cada como uma das mais formosas do Reino, faz uma referência à usurpação do grande dique por muitos entulhos e hortas. "O aterramento foi um processo gradual, só que bem mais intenso a partir do final do século XIX e começo do século XX. A partir deste período ele perdeu muito do seu tamanho devido a aterros não só permitidos como também executados pelo poder público", salientou Rita de Cássia.

Lavadeiras expulsas do local

Em 1959, após a conclusão da primeira etapa do Estádio Octávio Mangabeira, o Dique voltou a receber maior atenção, inclusive com o anúncio de construção de um cais submerso. Esta mesma proposta continuou sendo apresentada até 1968. "As lavadeiras foram expulsas e começou a terraplanagem para a construção da Av. Costa e Silva, inaugurada em 1969", completou a arquiteta Rita de Cássia. O Dique acabou recebendo fontes luminosas, iluminação a mercúrio, entre outros equipamentos.

Na década de 70 houve a retomada da ideia de criação de um parque dentro do planejamento urbano da cidade. O Dique seria um dos 12 parques distritais propostos em 1973. "A ideia era satisfazer o habitante da cidade e não o visitante", salientou a professora. Três anos depois foi proposta uma intervenção emergencial no Dique, perdendo-se a

noção de parque distrital, passando-se a manter uma preocupação também com as formas de agradar a turistas.

Faltando

Nem tudo foi executado da extensa proposta, que previa a colocação de bancos de madeira, cobertura para abrigo de chuva, plantio de árvores de grande porte, a destinação de uma área de 150 mil m² para a instalação de um parque e a supressão da Av. Costa e Silva. Em 1992, o encontro, em Salvador, preparatório para a ECO 92, a grande reunião mundial sobre meio ambiente, realizada no Rio de Janeiro, reacendeu a preocupação com o Dique, surgindo uma proposta que incluía até a polêmica abertura para a participação do capital privado. Em 1995 o governo estadual apresentou a proposta de recuperação do Dique, finalizada três anos depois.

Anel viário substitui jardim

O Dique sempre foi um local integrado à vida da comunidade, mas nos últimos 100 anos tornou-se bem mais presente na rotina soteropolitana. De lugar aprazível, para onde foi cogitado, em 1812, até a instalação de um Jardim Botânico, recebeu a

No final do século XIX, a realização de um estudo técnico das águas do Dique acabou constatando um alto grau de poluição da água. Era um aviso de que o tratamento do espaço merecia intervenções mais complexas, como saneamento e tam-

dade do Salvador (Epucs) elaborou um projeto para o Dique que propunha a criação de campus universitário, na área de Boa Vista de Brotas, centro de educação e cultura, escola parque, centro cívico de abastecimento, jardim zoológico e botânico.

Pesca e confusão estética

O Dique do Tororó ganhou restaurantes, espaço para a prática de esportes náuticos, pedalinhos, parque infantil, entre outros equipamentos. Mas do ponto de vista técnico, nem tudo, na avaliação de Rita de Cássia pode ser comemorado. Al-

bombeamento. Não seria mais viável esperar a recuperação total para liberar a pesca", questionou Rita de Cássia. Um outro aspecto que produz estranheza é a disposição de tantos equipamentos, que acabam servindo como obstáculos, princi-

Rebouças quando idealizou o estádio Octávio Mangabeira, elaborando-o de uma forma aberta, em forma de ferradura.

"A leitura da monumentalidade do estádio e sua integração ao espelho d'água se embaraçou com a implantação das

Pelourinho, Abaeté, Itapuã, Mercado Modelo e as igrejas são locais que, geralmente, vêm à tona quando se fala na imagem de Salvador. Mas é exatamente a discrição que talvez demonstre o quanto de integração existe entre o Dique do Tororó e a cidade. Indispensável nos mais variados trajetos dentro de Salvador, o Dique parece ter ficado mais visível somente com a recuperação inaugurada em 1998, que foi apenas mais um capítulo da história que o local traz consigo. A oportunidade de conhecer muito mais desse patrimônio que o Dique detém foi trazida pela arquiteta Rita de Cássia Cordeiro Nogueira, por meio da pesquisa intitulada “Dique do Tororó-Propostas e Intervenções em um Espaço Público”.

No trabalho apresentado como tese de mestrado em arquitetura e urbanismo, na linha de desenho urbano da Faculdade de Arquitetura da Ufba, Rita de Cássia trouxe à tona propostas e intervenções que aconteceram no Dique, além de uma simulação inédita de como ele era no século XVIII. Num base aerofotogramétrica de 1992, a arquiteta, tomando como ponto de partida a planta do engenheiro João Massé, do século XVIII, foi lançando dados, fazendo comparação de pontos que existem ainda hoje, conseguindo um resultado surpreendente.

“Além disso estudei mapas de várias épocas que tem o Dique como referência”, explicou Rita de Cássia, que agora espera ver publicado em livro seu trabalho, aprovado com distinção por uma banca formada pelo historiador Cid Teixeira e pelos professores, da Faculdade de Arquitetura da Ufba, Antônio Heliódório Sampaio, que foi também o orientador, e Esterzilda de Azevedo.

Natural

A partir do trabalho da arquiteta é possível saber, por exemplo, que o Dique estendia-se em várias direções, como a Sete Portas, e era navegável até onde atualmente se encontra a Barroquinha. Apesar do nome, que significa uma construção destinada a reprimir águas correntes, as referências utilizadas por Rita de Cássia indicam bem mais na direção do Dique como um lago natural.

“Esta é a minha conclusão, inclusive levando em consideração historiadores como Cid Teixeira, Waldir Freitas de Oliveira, Afrânio Peixoto e Accioly, que defen-



Com o aterramento, iniciado na fundação de Salvador, o Dique do Tororó perdeu cinco sextos da extensão original em relação ao começo do século XVIII

dem a origem natural do Dique”, salientou a arquiteta. Segundo ela, o que pode ter acontecido é um represamento de um dos braços do Dique, à altura de seu escoamento para a atual Avenida Vasco da Gama, talvez até mesmo anterior à Invasão Holandesa. O objetivo de um processo deste tipo seria a elevação da cota de seu espelho d’água.

A referência escrita mais antiga ao Dique do Tororó, de acordo com a pesquisadora, consta num relatório datado de 1671, elaborado pelo engenheiro João Coutinho, em que ele descreve a cidade e aponta a existência do “Dique Grande e do Dique Pequeno”. Mas, na sua avaliação, só mesmo estudos arqueológicos poderiam definir seguramente se houve ou não represamento antes da Invasão Holandesa.

Integração

O Dique perdeu, aproximadamente, cinco sextos da sua extensão original em relação ao começo do século XVIII. Nesta época, o Dique começava na Fonte de São Pedro, nas proximidades do forte de mesmo nome, e passava pela rótula dos Barris, onde fica a Estação da Lapa, entre outros locais. Com a implantação do sistema de esgotamento sanitário, a configuração do Dique foi mudando aos poucos.

“Existia também o Dique Pequeno, onde hoje tem parte da Garibaldi. Ele foi totalmente aterrado na década de 60”, relatou Rita



Foto: Arlindo Félix

Rita de Cássia Nogueira estudou mapas de várias épocas

de Cássia. Em 1937, o Dique foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, uma conquista para o local que nas primeiras décadas do século XX chegou a ser utilizado como o depósito de lixo da cidade. Além disso, o aterramento do Dique parece ter começado, praticamente, com a fundação de Salvador.

Um documento de 1798, por exemplo, o Plano Topográfico da Cidade de São Salvador, classifi-

cada como uma das mais formosas do Reino, faz uma referência à usurpação do grande dique por muitos entulhos e hortas. “O aterramento foi um processo gradual, só que bem mais intenso a partir do final do século XIX e começo do século XX. A partir deste período ele perdeu muito do seu tamanho devido a aterros não só permitidos como também executados pelo poder público”, salientou Rita de Cássia.

Lavadeiras expulsas do local

Em 1959, após a conclusão da primeira etapa do Estádio Octávio Mangabeira, o Dique voltou a receber maior atenção,

inclusive com o anúncio de construção de um cais submerso. Esta mesma proposta continuou sendo apresentada até 1968. “As lavadeiras foram expulsas e começou a terraplanagem para a construção da Av. Costa e Silva, inaugurada em 1969”, completou a arquiteta Rita de Cássia. O Dique acabou recebendo fontes luminosas, iluminação a mercúrio, entre outros equipamentos.

Na década de 70 houve a retomada da idéia de criação de um parque dentro do planejamento urbano da cidade. O Dique seria um dos 12 parques distritais propostos em 1973. “A idéia era satisfazer o habitante da cidade e não o visitante”, salientou a professora. Três anos depois foi proposta uma intervenção emergencial no Dique, perdendo-se a

noção de parque distrital, passando-se a manter uma preocupação também com as formas de agradar a turistas.

Faltando

Nem tudo foi executado da extensa proposta, que previa a colocação de bancos de madeira, cobertura para abrigo de chuva, plantio de árvores de grande porte, a destinação de uma área de 150 mil m² para a instalação de um parque e a supressão da Av. Costa e Silva. Em 1992, o encontro, em Salvador, preparatório para a ECO 92, a grande reunião mundial sobre meio ambiente, realizada no Rio de Janeiro, reacendeu a preocupação com o Dique, surgindo uma proposta que incluía até a polêmica abertura para a participação do capital privado. Em 1995, o governo estadual apresentou a proposta de recuperação do Dique, finalizada três anos depois.

Anel viário substitui jardim

O Dique sempre foi um local integrado à vida da comunidade, mas nos últimos 100 anos tornou-se bem mais presente na rotina soteropolitana. De lugar aprazível, para onde foi cogitado, em 1812, até a instalação de um Jardim Botânico, recebeu a contraditória missão de ser um lugar bucólico, apesar de estar cercado pelo intenso tráfego, que, curiosamente, é uma das principais características de grandes centros urbanos.

“O Dique se transformou num local de convergência de tráfego. Depois da Estação da Lapa, esta dinâmica ficou ainda mais intensa. Afinal, ele recebe o tráfego do Bonocô, da BR-324, da Península Itapagipana e da Orla Norte”, comentou a arquiteta Rita de Cássia. A partir da metade do século XIX, o Dique era a fonte de abastecimento de água da cidade, servia como local de lavagem de animais, lavagem de roupas, entre muitos outros usos.

Em 1859, surgiu uma estrada de ligação ao Rio Vermelho, que passava pelo Dique. Dezessete anos depois, essa via recebia o bonde movido a tração animal. Esta linha passava pela antiga Avenida 2 de Julho, a atual Vasco da Gama. A modernização, de certa forma, ajudou a popularizar o Dique, tornando-o conhecido para uma maior parte dos moradores da cidade.

No final do século XIX, a realização de um estudo técnico das águas do Dique acabou constatando um alto grau de poluição da água. Era um aviso de que o tratamento do espaço merecia intervenções mais complexas, como saneamento e também o desdobramento da idéia de transformá-lo em centro de recreio público.

“O primeiro projeto de urbanização anunciado para o Dique foi de 1898. Ele previa a construção de uma avenida de 25 metros de largura em seu entorno, jardim botânico, jardim zoológico, aproveitamento noturno da área com instalação elétrica, entre outras intervenções”, contou Rita de Cássia. Uma curiosidade é que as avenidas que contornam o Dique atualmente tem a metade do que se previa neste projeto.

Este primeiro programa influenciou as propostas posteriores. Na Semana de Urbanismo realizada em 1935 surge um novo modelo de intervenção para o Dique com a sugestão de implantação de um parque e uma avenida chamada Park Way, em seu entorno, que teria 50 metros de largura, dentro de um programa de embelezamento da cidade, que incluía a idéia de um loteamento, uma espécie de vila jardim.

Na década de 40, o Escritório de Planejamento Urbano da Ci-

dade do Salvador (Epucs) elaborou um projeto para o Dique que propunha a criação de *campus* universitário, na área de Boa Vista de Brotas, centro de educação e cultura, escola parque, centro cívico de abastecimento jardim zoológico e botânico.

Deste projeto só foi concretizado, anos mais tarde, o sistema viário e o complexo esportivo que inclui o Estádio Octávio Mangabeira. Quatro décadas depois, o Dique acabou transformando-se num anel viário, uma contradição para um espaço imaginado como área de lazer.

Pesca e confusão estética

O Dique do Tororó ganhou restaurantes, espaço para a prática de esportes náuticos, pedalinhos, parque infantil, entre outros equipamentos. Mas do ponto de vista técnico, nem tudo, na avaliação de Rita de Cássia pode ser comemorado. Alguns procedimentos soaram estranhos, como a liberação de pescaria enquanto o ambiente aquático e a estabilização do nível de oxigênio da água ainda está sendo recuperado.

“A despoluição foi feita com rigor técnico e o equilíbrio de oxigênio está sendo feito por

bombeamento. Não seria mais viável esperar a recuperação total para liberar a pesca”, questionou Rita de Cássia. Um outro aspecto que produz estranheza é a disposição de tantos equipamentos, que acabam servindo como obstáculos, principalmente à contemplação da paisagem. “Tem restaurante, módulos de serviço, placas e estátuas no espelho d’água. tudo isto aliado ao intenso barulho de veículos”, completou Rita de Cássia.

Ilha ao avesso

Na avaliação da arquiteta, o Dique do Tororó é uma “ilha ao avesso”, ou seja, o seu espelho d’água está cercado por vias de tráfego por todos os lados. Para completar essa presença tão urbana na paisagem natural do Dique, suas águas acabaram ganhando esculturas como enfeite.

“A implantação das esculturas no espelho d’água parece querer roubar a cena do Dique, forçar a verticalização da paisagem, ao mesmo tempo que des-socia o sentido do oculto que há na religiosidade afro-baiana, o seu componente de mistério”, criticou. Faltou, no caso das estátuas, a preocupação com a harmonização que sobrou ao arquiteto Diógenes

Rebouças quando idealizou o estádio Octávio Mangabeira, elaborando-o de uma forma aberta, em forma de ferradura.

“A leitura da monumentalidade do estádio e sua integração ao espelho d’água se embaraçou com a implantação das estátuas dos orixás e principalmente dos restaurantes”, analisou a arquiteta. Houve também esquecimento de locais, como as seculares situadas no entorno do Dique, como a Fonte das Pedras e a Fonte Nova, que tiveram até melhor sorte do que a Fonte dos Barris, destruída para a implantação da Estação da Lapa.

Na avaliação da arquiteta, algumas medidas poderiam contribuir para o melhor tratamento do Dique, tipo revisão dos termos da lei que atestam o seu tombamento e institucionalização do espaço como parque, delimitando-se sua área de modo explícito.

Projetos de educação ambiental também são sugeridos pela arquiteta. “Além disso, é importante criação de um espaço para arquivo e exposição de acervo sobre o Dique do Tororó. Desse modo, poderia-se respaldar ações dirigidas à sua preservação, bem como futuras intervenções urbanísticas para melhoria do seu entorno”, acrescentou Rita de Cássia.



Foto: Carlos Casaes

Bucólico, o local sempre esteve integrado à vida da comunidade